



Editorial

Observa-se na sociedade atual um intenso e renovado interesse por questões religiosas e espirituais, suplantando de vez as teses do fim do século XIX e das primeiras décadas do século XX que previam ser sem espírito religioso o tempo em que vivemos. Em pleno desenvolvimento da modernidade e da conseqüente secularização da vida social, não poucos afirmaram um “eclipse de Deus” (M. Buber), a “falta de Deus” (M. Heidegger), a “morte de Deus” (T. J. J. Altizer), o “ocultamento de Deus” (J. Sudbrack) ou sua “distância” (K. Rahner). Nada disso aconteceu. A sociedade de nosso tempo mostra ter superado a fase de aborrecimento, resistência e indiferença religiosa. Por toda parte, surgem propostas de orientação espiritual para o comportamento das pessoas, que dariam significado a seu mundo pessoal e coletivo e auxiliariam na realização de projetos existenciais. A atual sociedade — pragmática, calculista e previsível, sustentada na razão técnico-científica — é surpreendida pelas ondas de espiritualidades contemporâneas, manifestando, inclusive, embora timidamente, que, não poucas vezes, por elas sente-se fascinada.

Quais as razões desse fenômeno? De um lado, está o fracasso das propostas da civilização técnica e industrial e das filosofias que garantiam realizar o ser humano segundo sua própria medida. De outro lado, está o resgate de propostas de humanismo que consideram a pessoa para além do mundo material, valorizando-a em sua dimensão subjetiva, afetiva, transcendente, simbólica. A isso, somam-se as características do mundo globalizado que, com a quebra das fronteiras econômicas e culturais, possibilitam também a quebra das fronteiras religiosas e espirituais.

Nesse contexto, as pessoas manifestam-se sedentas de experiências que deem sentido transcendental ao que pensam, creem, sentem e fazem. E, praticamente na mesma medida dessas buscas, aparecem também propostas que prometem satisfazer a esse anseio. Intensifica-se, assim, o pluralismo religioso e espiritual que impregna todo o tecido socio-cultural de nosso tempo.

Um dos elementos marcantes desse fato é que ele é mais expressivo fora das religiões tradicionais. Elas deixaram de ser, como outrora, os únicos espaços simbólicos de referência, e suas propostas de sentido já não têm sempre a plausibilidade de acolhida. Elas concorrem com uma plêiade de orientações de significado espiritual às experiências das pessoas, que reconfiguram o universo religioso da existência. Não poucas dessas propostas se manifestam de modo difuso, sem identidade, sem doutrinas ou normas fixas. Muitas propõem um itinerário espiritual que aponta para a transcendência sem um absoluto; outras tendem a orientar as pessoas no desenvolvimento de uma espiritualidade secularizada, em que a transcendência espiritual não rompe as fronteiras da imanência histórica; outras, ainda, e como resistência à esta última, propõem um desligamento dos processos históricos como condição para a elevação espiritual. Impossível caracterizá-las em seu conjunto. Em geral, impera um caráter fortemente subjetivo, privado, afetivo e circunstancial. Essas orientações prescindem de mediações ou instituição, e o universo simbólico humano reinventa constantemente o universo do sagrado, buscando satisfazer, de forma pragmática, imediata e objetiva, a necessidade espiritual do momento, de indivíduos e grupos.

As religiões tradicionais não desapareceram, mas veem-se confrontadas pelas novas propostas de religiosidade, sofrem a concorrência do espaço social e sagrado e são também por elas transformadas em muitos de seus elementos. Não poucas vezes, isso é motivo de tensões e conflitos entre as diferentes religiões e espiritualidades. Há atitudes marcadas pelo exclusivismo, pelo fundamentalismo e pela intolerância, além de atitudes de proximidade, convivência, diálogo e cooperação. Infelizmente, as primeiras posturas são mais expressivas, sobretudo pela natureza universalista de algumas tradições religiosas e espirituais. Alguns reagem ao contexto plural com um reforço religioso institucional que rejeita a

sensibilidade espiritual moderna e contemporânea, recrudescendo posturas conservadoras. Outros tentam uma adaptação ao novo tempo espiritual. E há quem consegue ir além da reserva e da simples adaptação: colhe nesse contexto elementos que contribuem positivamente para um redimensionamento do próprio universo religioso e espiritual.

Surge a questão: como superar as tensões e os conflitos entre as diferentes tradições religiosas e espirituais do nosso tempo? Assumimos a tese de que tal superação será possível à medida que os diferentes grupos religiosos fizerem a experiência de um encontro profundo “no espírito” que os move. Dificilmente os diferentes universos religiosos e espirituais se encontrarão em seus elementos externos, suas doutrinas, seus ritos, seus *ethos*. Mas poderão encontrar-se no fundamento desses elementos, na essência espiritual de cada um. Esse encontro antecede, orienta e sustenta o comportamento religioso que favorece o respeito mútuo, o diálogo e a cooperação entre os crentes. Urge, portanto, desenvolver uma espiritualidade do diálogo inter-religioso que dê consistência a atitudes de respeito, acolhida e valorização do outro.

O presente número da *Revista Pistis & Praxis* propõe refletir sobre as espiritualidades contemporâneas, buscando abrir caminhos de proximidade entre elas. Quer contribuir com os leitores para o aprofundamento da compreensão desse fenômeno em algumas de suas características. Assim, Michael Fuss reflete sobre “A figura de Cristo nas novas crenças contemporâneas” [*“La figura di Cristo nelle nuove credenze religiose contemporanee”*]; Clodovis Boff analisa a relação entre “Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração”; Faustino Teixeira analisa “O sufismo e a acolhida da diversidade religiosa”; Elias Wolff apresenta “Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso”; Erico Hammes escreve sobre “Mística e espiritualidade da paz e não violência”; Roberto Ervino Zwetsch faz uma relação entre “Espiritualidade, mística e literatura: uma perspectiva protestante”.

Apresentamos, ainda, os artigos “*Studi ecclesiologicali nella prospettiva ecumenica: dialoghi cattolici-luterani*”, de José Arlés Gómez Arévalo; “*Religio cordis brasiliensis e espaço público: entre a rejeição, a dinamização e a indiferença diante de um projeto de um cristianismo cidadão*”, de Helmut Renders; “As mulheres do efa: epílogo da interdição da deusa e

do feminino na Judá pós-exílica”, de Osvaldo Luiz Ribeiro; e “Um mundo secularizado que desafia a catequese”, de Solange Maria do Carmo.

Prof. Dr. Elias Wolff

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Programa de Pós-Graduação em Teologia